



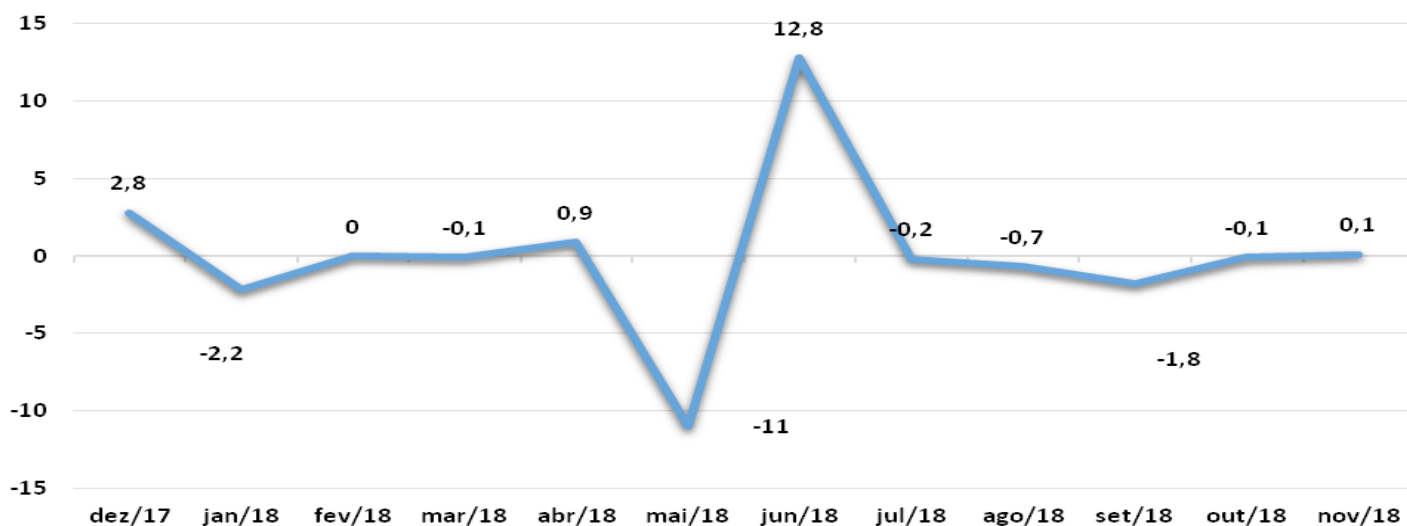
## SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL FIEA INDÚSTRIA EM NOVEMBRO MANTEM-SE EM RITMO LENTO

O desempenho da indústria brasileira até novembro de 2018 manteve o ritmo lento de recuperação na média na comparação mês a mês com ajuste sazonal, com exceção dos meses de maio e junho em função da greve dos caminhoneiros, como pode ser visto no gráfico nº 1. Por esta razão, o mercado financeiro veio ajustando ao longo do ano suas expectativas para o crescimento da indústria que saiu de um patamar de 3,5%aa em janeiro, chegou a quase 4,5%aa em abril e deve fechar o ano de 2018 próximo a 1,5%aa, bem abaixo dos 2,5%aa registrados em 2017. Comparando-se as taxas de crescimento nos períodos de jan/abr/18 com jan/nov/18, por categoria de uso final, a desaceleração é claramente observada: no caso de bens de capital passa de 21,5%aa para 9,5%aa; bens de consumo duráveis de 14,2% para 8,2%; bens intermediários de 2,5%aa para 0,6%aa; bens de consumo semi e não duráveis de 2,4%aa para 0,0%aa e a industrial geral de 4,4%aa para 1,5%aa, respectivamente. Ou seja, a partir de abril a taxa de crescimento no caso de bens de capital caiu em 56,0%, de bens de consumo duráveis em 42,0%, bens intermediários em 76,0%, bens de consumo não duráveis em 100,0% e na indústria em geral em 66,0%. Apesar do fraco desempenho da indústria ao longo de 2018, na passagem de outubro para novembro, segundo a CNI, houve aumento de 2,1% no faturamento real, 0,7% nas horas trabalhadas na produção

de 0,3% no emprego; enquanto utilização da capacidade instalada, massa salarial real e rendimento médio real recuaram 0,3%, 0,7% e 1,0%, respectivamente. Os principais fatores que explicam tal perda de dinamismo da indústria em 2018 são, em linhas gerais, conhecidos dos empresários: greve dos caminhoneiros; incerteza gerada pelo processo eleitoral; níveis de desemprego ainda elevados, cerca de 12,2 milhões de pessoas; níveis altos de alavancagem financeira das famílias e empresas; lentidão da queda dos spreads bancários; rigidez excessiva das taxas de juros de longo prazo, mesmo com a selic em sua mínima histórica; retardamento no processo de recuperação da indústria da construção, que até o final de 2018 parecia não ter encontrado o fundo do poço; volatilidade da taxa de câmbio; aumento dos custos da energia e carga tributária em níveis ainda muito elevados. Do ponto de vista externo, persiste o quadro de incerteza em função da tensão comercial entre EUA e China, com reflexos nas cotações cambiais (valorização da moeda americana) e do petróleo (volatilidade no preço do barril); desaceleração do ritmo de crescimento da economia chinesa impactando a dinâmica econômica global; aumento do risco de recessão a médio prazo na economia dos EUA; indefinição na questão do Brexit com reflexos na economia Inglesa e da União Européia; risco de agravamento da crise econômica na Itália em função da resistência do novo governo em dá

continuidade ao processo de consolidação fiscal, com reflexos importantes na economizada zona do Euro uma vez que a Itália tem o quarto maior PIB da região. Apesar dos fatores internos e externos de restrição ao crescimento da indústria elencados acima, o otimismo anda em alta: o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI), segundo a CNI, registrou novo aumento, de 0,6 ponto, na passagem de novembro para dezembro. Com isso, o índice foi a 63,8 pontos – maior valor desde junho de 2010, quando registrou 66 pontos e está 5,5 pontos acima do obtido em dezembro de 2017 e 9,6 pontos acima de sua média histórica. O aumento do otimismo também foi captado pelo Índice Nacional de Expectativa do Consumidor (INEC) da CNI que alcançou 114,3 pontos em dezembro de 2018, maior valor registrado desde março de 2013. O mesmo otimismo é compartilhado pelo mercado financeiro que espera que a indústria cresça 3,0% em 2019, ou seja o dobro do que deve ter crescido o ano passado, e o PIB 2,5%. Não há dúvida que tanto empresários como consumidores esperam um ano de 2019 melhor que 2018, seja em termos de aumento da produção, seja em termos de oportunidades de empregos. Se estas expectativas serão sancionadas ao longo do ano só saberemos, assim como foi com 2018, ao final de 2019, mas a aposta é grande!

Gráfico nº 1 - Produção Física mensal da Indústria brasileira - comparação mês imediatamente anterior com ajuste sazonal - IBGE -  
Elaboração Núcleo de Pesquisa IEL/FIEA



## IPCA EM 2018 FICOU ABAIXO DO CENTRO DA META DE 4,5%AA

O IPCA em 2018, assim como em 2017, mais uma vez ficou abaixo do centro da meta da inflação de 4,5%aa. Ao longo do ano passado, com exceção de poucos meses após a greve dos caminhoneiros, o IPCA acumulado de doze meses ficou abaixo de 4,0%aa. Ou seja, sem a greve o IPCA poderia ter fechado o ano próximo ao piso de 3,0%aa. De acordo com o relatório Focus do Banco Central de 18/01/2019, a mediana das expectativas do mercado para inflação em 2020, 2021, 2022 e 2023 continua ancorada em 4,0%aa para 2020 e 3,75%aa para os três anos seguintes. Como tem sido enfatizado em panoramas anteriores, estas expectativas estão refletindo no curto prazo uma significativa capacidade ociosa assim como um processo de recuperação lento da economia brasileira, com o PIB crescendo abaixo de seu potencial, o que configura um quadro de hiato produto negativo e de menor pressão inflacionária; e no médio prazo um aumento da produtividade da economia brasileira em função da aprovação das reformas, sejam de natureza microeconômicas, avanço nos processos de privatização e a independência do Banco Central, sejam de consolidação fiscal com as reformas da previdência e

tributária. Ou seja, na avaliação do mercado e dos empresários, com a realização das reformas a economia brasileira teria como responder a curto prazo com um ritmo maior de crescimento sem pressionar a inflação e no médio prazo o aumento da produtividade permitiria um potencial de crescimento maior da economia com estabilidade de preços. Não há dúvida que os investidores nos mercados de ativos brasileiros estão mais otimistas com as perspectivas para a economia brasileira em 2019. Estas expectativas mais favoráveis tem se refletido nos preços das ações, o IBOVESPA saiu do patamar de 84 mil pontos no início de novembro do ano passado para 96 mil pontos em meados de janeiro e uma parte do mercado aposta que pode atingir 125 mil pontos em 2019; neste mesmo período as taxas de juros de prazos mais longos, DI de 1 dia de 2025, caíram de 10,0%aa para 8,5%aa. Este quadro de maior otimismo do investidor e dos empresários de uma maneira geral tem se refletido nas cotações do risco país (IMBI+ do J.P. Morgan), que em meados de setembro durante o processo eleitoral estava próximo de 337 pontos e quatro meses depois havia caído para 255 pontos. Movimento semelhante foi observado no CDS (Credit Default Swap)

do Brasil de cinco anos, um contrato de seguro contra inadimplência, que caiu neste mesmo período de 307 para 172 pontos. Apesar do maior otimismo do mercado financeiro e dos empresários do setor produtivo com a agenda econômica do governo Bolsonaro, ainda há fatores de risco tanto domésticos como externos que não podem ser desconsiderados na avaliação dos agentes econômicos. A maioria deles já são conhecidos e vem sendo persistentemente apontados pelos analistas econômicos e financeiros, que são: maior fragmentação do Congresso, o que vai exigir muita capacidade de negociação política para aprovação da agenda das reformas; grau de profundidade da reforma da previdência em função da resistência de algumas categorias, como a dos servidores públicos – civis e militares; velocidade de abertura da economia a partir da redução das alíquotas das importações; extensão e velocidade das privatizações; riscos externos com a desaceleração das economias da China e dos EUA, com reflexos sobre os preços das commodities, das taxas de juros e de câmbio. O FMI em seus últimos relatórios vem alertando para o aumento do risco da desaceleração do crescimento do PIB global em 2019 e 2020.

## A PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA EM NOVEMBRO DE 2018

O desempenho da indústria brasileira em novembro de 2018 apresentou, no levantamento com ajuste sazonal, um discreto crescimento de 0,1%. Na comparação com o mesmo mês em 2017 a indústria registrou retração de -0,9%. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), tanto em outubro como em novembro, a indústria não saiu do lugar. Variou -0,1% e depois +0,1% na série com ajuste sazonal, indicando que o setor encerrou o ano de 2018 como que em compasso de espera para as resoluções do novo governo. O problema é que essa estabilidade veio após meses de declínio, que marcaram a segunda metade do ano passado. Em novembro, a despeito da virtual estabilidade do resultado geral, a maioria dos ramos industriais e das indústrias regionais ficaram no vermelho. Foi o caso de 16 dos 26 ramos acompanhados pelo IBGE e de 9 dos 15 parques industriais regionais que registraram perda de produção. Assim pode-se dizer que novembro foi um mês ainda mais desfavorável do que aparenta à primeira vista. Em resumo, 2018 deve mesmo ser um ano de inflexão. No acumulado de jan-nov/18, frente ao mesmo

Variações da Produção - Novembro - 2018 - %				
	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	0,1	-0,9	1,5	1,8
Bens de capital	-2,7	3,5	8,2	8,3
Bens intermediários	0,7	-1,4	0,6	0,9
Bens de consumo	-0,4	-0,9	1,9	2,1
Bens de consumo duráveis	-3,4	-3,4	9,5	10,3
Semiduráveis e não Duráveis	0,0	-0,3	0,0	0,1
Extrativa Mineral	-0,6	3,3	0,9	0,5
Transformação	0,0	-1,5	1,6	2,0

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

período do ano anterior, o desempenho é positivo, em +1,5%, mas abaixo do crescimento total de 2017 (+2,6%) e muito aquém do que se projetava no início de 2018 (+3,6% na média do 1º trim/18, segundo Focus/BCB).

Ainda segundo o IEDI, o nível de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, foi de 75,2% em novembro de 2018, 1,2 p.p. menor do que o patamar de outubro e abaixo da utilização

média do 3º trimestre de 2018 (76,2%). Ademais, o atual nível de utilização continua muito baixo, inferior à média histórica do próprio indicador (80,2%) iniciada em janeiro de 2001. A trajetória trimestral média do indicador mostra que a melhora progressiva foi interrompida na passagem do 2º para o 3º trimestre de 2018: 74,6% no 4º trim/17; 75,5% no 1º trim/18; 76,4% no 2º trim/18; 76,2% no 3º trim/18 e 75,8% no bimestre out-nov/18.

### FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS- FIEA

Presidente  
José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice presidente  
José da Silva Nogueira Filho

Diretor executivo  
Walter Luiz Jucá Sá

Gerente UNITEC  
Helvio Vilas Boas

### INSTITUTO EUVALDO LODI – IEL

Diretor Regional  
José Carlos Lyra de Andrade

Superintendente  
Helvio Vilas Boas

Coordenadora de Inovação e Pesquisa  
Eliana Sá

Elaboração  
NÚCLEO DE INOVAÇÃO E  
PESQUISA DO IEL/AL

### EQUIPE TÉCNICA

Luciana Peixoto Santa Rita  
Reynaldo Rubens Ferreira Junior

Laura Vitória Chagas Lins  
Layne Mariela de Souza Santos Cordeiro  
Lhara Maria Dias Magalhães  
Luan Victor Ramalho de Oliveira